



O CASAMENTO

NELSON RODRIGUES

O CASAMENTO
ROMANCE

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V I I

Obra publicada com o apoio do
Ministério da Cultura do Brasil /
Fundação Biblioteca Nacional



MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

© 2017, Espólio de Nelson Falcão Rodrigues
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Publicado pela primeira vez em 1966,
na Editora Eldorado, Brasil

Título: *O Casamento*
Autor: Nelson Rodrigues
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Julho de 2017

ISBN 978-989-671-385-0
Depósito Legal n.º 427669/17



Saltou do automóvel, uma Mercedes, e avisou ao chofer:

— Me apanha daqui a meia hora.

O carro partiu. Bom na Mercedes era a velocidade macia, quase imperceptível. Sabino vai comprar cigarros. Enquanto esperava o troco, viu um sujeito bater nas costas do outro e berrar:

— Todo canalha é magro!

Por mais estranho que pareça, aquilo doeu-lhe como uma desfeita pessoal. Apanhou o troco — dera uma nota de cinco mil — e veio caminhando. O sujeito ainda repetiu, com a mesma ferocidade jucunda:

— O canalha é magro.

Com surda cólera, Sabino pensa, como alguém que se justifica ou se absolve: «Eu não sou canalha.» Não ia se esquecer nunca mais da cara do sujeito e do seu riso encharcado de saliva.

Entrou no *hall* do edifício. No décimo andar, em todo um conjunto de salas, funcionava a Imobiliária Santa Teresinha (nome proposto ou imposto pela mulher). Era o diretor-presidente. Sabino ou, por extenso, Sabino Uchoa Maranhão, tinha um vago, não, não, um obsessivo pudor de ser magro. No quarto, quando se despia (e nunca na presença da mulher), punha-se diante do espelho. Seu rosto tomava a expressão de um descontentamento cruel. Lá estavam as canelas finas, diáfanas, o peito cavado, as costelas

de Cristo. Sim, tinha uma nudez de Cristo magro, com um leve, muito leve revestimento de pele. No Colégio Batista, onde fizera o ginásio, era chamado de «bunda seca, bunda seca».

Ia casar a filha menor, no dia seguinte. Muitas vezes, no escritório, parava de trabalhar e ficava pensando, pensando. E, quieto, meio alado, o olhar morto, imaginava que certos magros não podem amar nus ou, por outra, não podem amar no claro. Mas era um homem que, aos cinquenta anos, ainda impressionava várias mulheres. Parecia um desses pais nobres de Hollywood. Tinha um rosto atormentado e, sobretudo, um olhar intenso, acariciador e triste. Num momento de ternura, seu olhar vazava luz.

Quando era moço e solteiro (no tempo ainda do Colégio Batista) fora com outros a uma casa de mulheres. E, lá, um dos companheiros, ex-seminarista, vira-se para Sabino:

— Me passa isso aí, «bunda seca».

Riram. Sabino fingiu que não tinha escutado. Baixa a cabeça. O outro insiste. Sabino olha na mesa e, rápido, apanha uma garrafa:

— Se disser outra vez, se me chamar de «bunda seca», eu mato, ouviu?, eu mato!

Nunca se sentiu tão perto de matar. A dona da casa veio correndo. Impressionada com Sabino, a sua palidez de santo, o seu olhar lindo como um martírio, disse, baixo, sem desfitá-lo:

— Vem comigo, vem.

Deixou-se levar. Sabino veio a saber depois que Madame lia muito. De vez em quando, largava o romance para dar na cara das meninas. Sabia de cor *O grande industrial*. Apanhou entre as suas as mãos de Sabino e predisse como uma cigana:

— Menino, menino. Tu vai sofrer muito!

Naquele tempo, com sua obsessão de magro, acreditava que ia morrer cedo, talvez não chegasse nem aos 21. Gostava de se

imaginar no caixão. Achava que mais tristes do que os pés do defunto são os sapatos. A morte descalça seria cordial, quase doce.

Mas sobrevivera. Aos 20 anos, casou-se com Maria Eudóxia, dois anos mais moça. Tempo depois, numa briga com a mulher, esta fez, chorando, a pergunta:

— Casou-se comigo por quê?

Não teve coragem de dizer a verdade. Desviou o olhar:

— Ora, por quê? Gostei de você, claro!

Mas eis a verdade inconfessa: casara-se porque era impotente com a prostituta. Ainda solteiro, voltara à casa de mulheres. A cafetina era a mesma e lia, num canto, um romance de carruagens e adúlteras (não gostava de história moderna). Aquela gorda tinha uma graça defunta de retrato antigo.

Sabino veio caminhando por entre as mulheres. Uma delas, de busto forte, ventas de tarada, pediu-lhe um «amorzinho». Quase fugiu. Com a sua timidez de magro, vagou algum tempo por entre as mesas e as cadeiras. E, de repente, lembrou-se da morte do pai. Meia hora antes de morrer, já com a dispnéia pré-agônica, o velho agarrara a sua mão. Disse e repetiu:

— Homem de bem. Homem de bem.

A mãe catucara o filho:

— É contigo, é contigo.

Era sim, com Sabino. O pai queria que ele fosse um homem de bem. E, desde então, a vontade do defunto o acompanhava por toda a parte. Sabino andou de um lado para outro e, por fim, dirigiu-se à Madame que estava, no seu lugarzinho, com o livro no regaço.

Disse, vermelho, com ardente humildade:

— Madame, eu queria ir com a senhora.

A coisa saiu de um jato. E já se arrependia. Madame o reconheceu. Teve um olhar úmido de mãe geral. No seu espanto deliciado, perguntava:

— Comigo? — e repetia, com uma afetação de garota. — Comigo? Tem tanto brotinho!

A morte do pai não lhe saía da cabeça. Teimou, com uma boca de choro:

— Quero a senhora.

Então, a cafetina gorda e nostálgica ergueu-se, num movimento ágil de menina. Toda ela ria, riam os seios, as ancas, a barriga, e riam as pulseiras. E ele já não pensava mais na morte do pai. Lembrava-se agora da sua ira contra o seminarista, sim, do seminarista que o chamara de «bunda seca». Com uma brusca nostalgia da própria violência, ouvia aquela voz antiga: «Eu mato! Eu mato!»

Madame deu-lhe a mão:

— *Oui, oui!*

Era brasileira, filha de lituanos, mas brasileira. De vez em quando, puxava um sotaque. Pintadíssima, sardenta, manchada como uma tordilha. Sempre que fazia um gesto, era um alarido de pulseiras, pingentes, colares, o diabo. Muito olhado, ele ia passando. E, de repente, na escada, começou a ter nojo, simplesmente nojo, da mulher. Em seguida, começou a ter nojo do cheiro do pai quando estava para morrer. Vinha descendo uma das mulheres. Madame deu risada:

— Vou *namorrrar*.

A outra, muito morena, quase índia, esganiçou o riso. Sabino chega lá em cima e pensa: «Se ela me beijar na boca, eu vomito!» O pior foi quando entrou no quarto. O pai, o lençol, o pijama, a cama do pai e a própria morte tinham um cheiro. E, ali, o cheiro era de sabonete, de um sabonete que absolutamente não existia.

Mandou fechar a porta. Com certeza, a primeira prostituta tinha o perfume de um sabonete anterior a qualquer sabonete. Tudo, no quarto, era de um tempo defunto, inclusive a cama de Maria Antonieta. Sabino começou a achar que aquela velha loura e safada era tão morta quanto a mobília, tão morta quanto a escarradeira, com um caule fino que se abria em lírio.

Madame puxava o sotaque:

— Não vou *tirrar* a roupa.

Deitou-se, depois de levantar a saia. Sabino imagina que ela devia ter debaixo dos seios um suor grosso e elástico como o dos cavalos.

Arqueja:

— Madame, a senhora me desculpe. Mas acho que comi uma coisa que me fez mal.

Passou a mão na barriga. A mulher senta-se:

— Vem cá, vem, ó filhote. Isso é nervoso. Mas passa. Deita aqui.

Tomou coragem:

— Madame, acho que, hoje, não vou conseguir nada. Mas pode deixar que eu pago. Eu pago.

Meteu a mão no bolso, deu-lhe as costas para contar o dinheiro. Ela virou de bruços, mostrando as nádegas que se derretiam. Sabino fugiu dali. Em casa, passou a noite em claro. O pai tinha a frente alta e fanática do justo. Revirava na cama. Só quase ao amanhecer ousou o prazer solitário.

Mas tudo isso passou, graças a Deus. A imobiliária ia bem, muito bem mesmo. Ainda na véspera, fechara um grande negócio: uma incorporação na rua Bolivar. Hoje, com cinquenta anos feitos, está casado (bem casado). Tem quatro filhas, e nem um único e escasso filho. Por que só meninas? Eis a pergunta que Sabino

fazia, sem lhe achar resposta. No último aniversário de Glorinha, justamente a filha que ia casar, dera uma festa em casa. E um dos convidados era o ginecologista da esposa e das filhas. O médico tinha bebido e continuava bebendo.

Sabino puxou o assunto:

— Dr. Camarinha, me diz uma coisa. É uma pergunta que eu estou pra lhe fazer. O seguinte: eu só tive filhas. Quatro. Isso quer dizer alguma coisa?

O outro catava os fósforos (perdia todos os isqueiros). Respondeu:

— Isso quer dizer que você teve uma sorte danada. Tirou a sorte grande.

— Mas como sorte grande? Eu acho até que filha é uma responsabilidade tremenda.

O outro não achava os fósforos:

— Escuta aqui, Sabino. Já imaginou se você tem um filho e o filho dá para pederasta? Eu tenho um e dou graças a Deus de meu filho ser macho pra burro! Macho, macho! Por meu filho, ponho a mão no fogo! Porque o negócio é o seguinte: a pederastia está comendo solta por aí. E te digo mais.

Joga fora o cigarro inteiro:

— É mil vezes melhor uma filha puta do que um filho puto!

Sabino recua como um agredido:

— Mas que é isso, doutor? Nem tanto ao mar, nem tanto à terra!

Com o seu olho rútilo de bêbado, um cinismo triunfal, o outro não parou mais. Balançava. E, no seu fluxo e refluxo, acabava caindo e se esparramando pelo chão. Dr. Camarinha falou de Copacabana. Senhoras passavam, mocinhas, e o ginecologista falava alto. Segundo ele, em Copacabana a pederastia pingava do teto, escorria das paredes:

— É um mistério que eu não entendo. Você entende?

Nas velhas culturas cabe a inversão sexual. Cabe. Mas o Brasil é um povo jovem, um povo sem múmias. Fez um gesto que envolvia a sala e os convidados.

Ria, obsceno:

— Estás vendo aí alguma múmia?

E perguntava a Sabino: por que então essa masculinidade escassa, rala, deteriorada que só tem sentido nos povos inteligentes demais? A nossa pederastia incivilizada, semi-analfabeta, o humilhava como brasileiro. Sabino sempre tivera horror do bêbado. Quis objetar:

— Não é tanto assim, que diabo.

Dr. Camarinha ia dar-lhe uma réplica fulminante. Mas vinha passando o garçom. Pergunta:

— Não tem uísque? Quero uísque. Isso aqui o que é?

Era Coca-Cola. Apanhou o copo e bebeu de uma vez só, com uma sede brutal. Devolve o copo e enxota o garçom:

— Vai buscar uísque, anda!

Volta-se para Sabino:

— São os fatos! Não vamos ter pudor dos fatos! Até nas favelas. Sim, senhor, nas favelas! Na classe baixa, média e alta. Está tudo infiltrado, não escapa rato. Tem mais, tem mais: na maioria dos casos é uma pederastia sem prazer, sem vocação. Concorda?

Controlava a própria irritação:

— Não penso assim.

E o outro:

— Ninguém enxerga o óbvio — e repetia: — Só os profetas enxergam o óbvio.

E olha em torno, como se o profeta, inédito, pudesse estar, ali, comendo salgadinho. Em vez do profeta, passou o garçom.

O médico quase agrediu a bandeja. Reclamou o uísque e acabou bebendo outra Coca-Cola. Tirou um lenço e enxugou o lábio. Baixa a voz, ofegante:

— É isso que está liquidando o Brasil. Falam do Nordeste. Literatura! A fome mata e não destrói. Mas a pederastia é a nossa autodestruição. Ainda bem que eu tenho um filho macho. Olha lá. Está dançando com tua filha, a gentil aniversariante.

Sabino puxava o outro:

— Bem, Camarinha. Vamos lá pro meu gabinete.

O médico pára. Some a sua exaltação. Cria-se uma distância súbita entre ele e Sabino, entre ele e o Brasil. O Nordeste é a China, Velha China, de Pearl Buck. Por um momento, desejou com todas as forças a presença do garçom. E teve uma sede atroz, não de Coca-Cola ou uísque, mas de um refresco que não havia ali: caldo de cana.

Disse, com um tédio cruel:

— Vamos, Sabino, vamos pro teu gabinete. Onde é teu gabinete?

Sabino teria mil coisas que dizer, que refutar. Mas como argumentar contra um pileque? No fim da noite, no quarto, abriu a alma:

— Te confesso que, hoje, fiquei besta. Besta com o Dr. Camarinha.

Maria Eudóxia passava o creme de espinhas:

— O Dr. Camarinha é um santo.

— Ora, santo! Santo e quase fez a apologia da lésbica? Diz que não tem a menor importância a filha lésbica!

A mulher repassa o creme:

— Mas não estava bêbado?

— Eudóxia, qualquer um pode ser obsceno, menos o gineco-

logista. Compreendeu? Um clínico, vá lá, um clínico, admitamos. E você quer saber o que eu penso, quer?

Tirava os sapatos:

— Quem devia ser casto é o ginecologista. O ginecologista é que devia andar de batina, sandalhinhas e coroinha, aqui, na cabeça.

A mulher suspira:

— Cada louco com sua mania.